

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM NO CAMPO DA ANÁLISE ESTILÍSTICA

META

Proporcionar aos alunos as condições teóricas de apreensão em textos literários, das funções da linguagem, sobretudo a poética e a expressiva ou emotiva.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
demonstrar que captaram os elementos necessários para a apreensão de funções da linguagem importantes para a análise estilística.



(Fonte: <http://baudecronicas.files.wordpress.com>)

INTRODUÇÃO

Olhando para o mundo que nos rodeia, verificamos que os seres vivos não se isolam, mas procuram os da mesma espécie, criando uma diversidade de situações que os possam levar à comunicação entre si. Essa diversidade de situações na comunicação pode levar à visão, à escuta, à fala e à leitura. A este conjunto de meios de que dispomos para comunicar com os outros chama-se linguagem.

No sentido mais restrito do humano, entendemos por linguagem o meio de exprimir idéias. No sentido lato, será o meio de comunicação entre os seres vivos: o canto das aves, o ruído dos golfinhos e outros. Assim, cada tipo de linguagem é constituído por um sistema de sinais que conduz à comunicação. Ainda no campo do humano, existem inúmeros sistemas de sinais que constituem outros tipos de linguagem: a mímica, a música, a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema, os códigos rodoviários, marítimo e aéreo, os códigos sociais e até os científicos, que são exemplos significativos.

O objeto desta aula será, no entanto, aquilo que, em sentido restrito, entendemos por linguagem – ato de comunicação oral ou escrito, faculdade humana de expressar estados mentais, por meio de sinais - signos – palavras – lingüísticos. Mas esse objeto não aqui focalizado como se aborda na teoria lingüística pura, mas na sua realização concreta, em contextos específicos. Trata-se, pois, de focalizar a linguagem em comunicação, exercendo funções determinadas ao realizar-se.



(Fonte: <http://releitura.files.wordpress.com>)

LINGUAGEM: MENSAGENS E FUNÇÕES

Sempre que pretendemos transmitir informações objetivas ou subjetivas, somos possuidores de mensagens. Para comunicarmos essas informações, temos de dar-lhes forma material, recorrendo ao sistema (língua), de onde extrairemos os signos lingüísticos necessários, a fim de combinarmos segundo certas regras. As mensagens se estabelecem, no mínimo, entre dois indivíduos, numa situação que se denomina de processo lingüístico. A comunicação só se realiza perfeitamente quando os interlocutores (falante e ouvinte ou emissor e receptor) compreendem bem a língua do outro. Terá de haver sempre um código comum no qual estão sistematizadas todas as possibilidades de combinação dos elementos do sistema.

No processo de comunicação lingüística, há, portanto, necessidade de um emissor ou destinador, que transmita a mensagem codificada que deverá ser captada pelo receptor ou destinatário, que, por sua vez, a interpreta, descodifica. Mas é fundamental que essa mensagem tome forma material: sons ou caracteres gráficos – para ser receptível. Os sons ou caracteres gráficos são lançados no papel ou em outro material. De ambos os modos se estabelece o contato entre emissor e receptor.

A mensagem dá, pois, origem a uma associação linear de signos, a que vulgarmente chamamos de frase ou texto e que, em lingüística, denomina contexto.

Enfim, diremos que o processo lingüístico, para além da mensagem, contém os seguintes elementos:

1. Destinador: emissor, falante, que codifica e transmite a mensagem ao destinatário;
2. Destinatário: receptor, ouvinte, que recebe e descodifica a mensagem;
3. Contexto: - torna a mensagem operante e perceptível pelo destinatário. Verbal ou suscetível de ser verbalizado, chama-se também de referente;
4. Contato: - canal físico ou conexão psicológica entre o destinador e o destinatário, permite estabelecer e manter a comunicação;
5. Código: - conjunto de regras que permitem combinar signos e construir unidades significativas – a língua que os indivíduos falam.

Assim, são seis (06) os elementos em jogo na situação de comunicação: a mensagem, o emissor, o receptor, o contexto, o canal ou contato e o código.

O ser humano, o homem, comunica (ou fala) para transmitir informações, ordens, conselhos, estado de espírito ou para exprimir sentimentos, entre outras possibilidades. É natural que a linguagem se adapte a cada um desses propósitos, conferindo um valor específico ao ato de comunicação. Quer dizer, a linguagem realiza diversas funções.

O assunto das funções da linguagem mereceu do lingüista Roman Jakobson a descrição mais seguida, atualmente, determinada por seis fatores de comunicação. Desse modo, temos seis funções da linguagem a partir da

importância, centralidade, que concedemos:

01. Emissor/destinadorFunção Emotiva ou Expressiva
02. Receptor/destinatário Função Conativa ou Apelativa
03. Referente/contexto Função Referencial/Informativa
04. Canal Função Fática
05. Código/língua Função Metalingüística
06. Mensagem Função Poética

Segundo o próprio Roman Jakobson, nunca poderemos dizer que numa mensagem existe exclusivamente uma determinada função. Seria desvirtuar e empobrecer a capacidade que a linguagem tem de realizar diversas funções simultaneamente numa mesma mensagem. Mais correto será falar em predomínio de uma das seis funções apresentadas que passaremos a exemplificar, seguinte a ordem acima:

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA

“E o senhor de que terra é?”

“Terra? Qual terra? Eu cá sou de Lisboa.”

Acordei sobressaltada das contas à vida que vinha fazendo desde o Rossio, e pus-me a pensar naquela alma gêmea, ali, em pleno metropolitano. As frases, saídas do ruído amassado das vozes e dos rangidos daquela máquina rolante, acenavam-me com um lenço branco. Porque eu também não tenho terra. Pode chamar-se terra a isto de pedra miudinha, cimento, vidraças e alcatrão, pode?

Maria Judite de Carvalho.

“Não adianta nem tentar/Me esquecer/Durante muito tempo em sua vida/Eu vou viver/Detalhes tão pequenos de nós dois/São coisas muito grandes peã esquecer/E a toda hora vão estar presentes/Você vai ver.

Roberto Carlos

A função emotiva tem sua centralidade no emissor, marcada pela primeira pessoa, é permeada de interjeições, adjetivos e advérbios, para realçar a emoção do eu que fala.

FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

“A loteria é uma saída para alguma coisa. Na dura batalha da vida em que estamos empenhados, este é um caminho que se abre. E não se esqueça: ganha você, todos ganhamos!”

(Linguagem de Jornais)

“Quebre o gelo. A Stella Barros está lançando uma novidade ‘on ice’: os dois novos programas para as mais incríveis estações de esqui dos EUA. São várias as opções para a próxima Temporada de Inverno: Aspen, Vail, Park City e Lake Tahoe (Squaw Valley).

E em todos os programas você e sua família contam com uma infraestrutura completa; que inclui hotéis, restaurante, instrutores, equipamentos, transporte.

A Stella Barros cuida de tudo e você descobre uma nova opção para esfriar a cabeça sem esquentar com o preço. Dê um gelo na rotina, ligue agora mesmo para a Stella Barros”.

Observe que a intenção principal desses exemplos, dessas mensagens, é estimular o receptor a fazer algo, consumir alguma coisa. Para obter sucesso nesse ato de comunicação, o emissor, locutor (ou anunciante) utiliza vários recursos. Por exemplo: “Quebre o gelo”, de modo ambíguo, podendo significar “partir o gelo” ou aproximar-se de alguém durante as férias e de frases estimulantes como “Dê um gelo na rotina”, “ligue agora mesmo...” É comum, nos textos conativos, o emprego de verbos no modo imperativo (“Quebre e dê”) e de verbos e pronomes na 2ª. Ou na 3ª. Pessoas.

FUNÇÃO REFERENCIAL

“Alguns historiadores admitem que, antes de Cabral, Alonso de Ojeda, em junho de 1499, teria deitado âncora no delta do rio Assu, no Rio Grande do Norte; o andaluz Vicente Yañez Pizón atingiu (26 de janeiro de 1500) um desses pontos: cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, na ponta do Mucuripe, no Ceará ou no cabo Orange, na atual Guiana. Em fevereiro do mesmo ano, foi a vez de Diego de Lepe desembarcar no cabo de Santo Agostinho. Há também quem defenda (Gago Coutinho, por exemplo) a presença de Bartolomeu Dias, num desvio pela volta do mar, ao caminho da Índia, em 1497.”

“Ao recolherem as redes, após uma noite de azáfama, dois pescadores de Vila Chã, Vila do Conde, foram ‘contemplados’ com um espécime ainda não comerciável nos restaurantes do nosso país...

Trata-se (e aqui as opiniões dos entendidos divergem) de uma tartaruga, ou cágado, que pesa cerca de 750 kg e tem o diâmetro de perto de 1,50 m. As barbatanas do bicho, que por pouco, segundo narraram os pescadores à reportagem do ‘PJ’, esteve quase a rebentar as redes, medem entre 50 a 60 centímetros”.

A intenção principal desses textos é informar o leitor sobre estudos ou experiência de pessoas ou de pesquisadores. A linguagem é clara, direta e precisa, procurando traduzir a realidade com objetividade. Os textos científicos, jornalísticos e didáticos são os melhores exemplos dessa função da linguagem.

FUNÇÃO FÁTICA

- “Noite de autógrafos de todos os editados, o salão assim cheio.
- Mas que calor!
- Ainda bem que está circulando o ‘on the rocks’.
- É o meu autor preferido.
- No original ou em tradução?
- Repara no vestido daquela ali.
- Não é vestido. É a mesma por transparência.
- O glorioso romancista poderia dizer duas palavras ao microfone da Rádio Universo.
- Desculpe, mas de momento...
- Diga assim mesmo. Qual é o livro que está autografando?
- Este que o senhor está vendo.
- É a sua última obra?
- Com licença. Meu nome é Cristina.
- Cristina com h ou sem h?
- Com ipsilon.
- Interessante. No lugar do primeiro ou do segundo?
- Dos dois (...)”

Carlos Drumond de Andrade.

“Alô! ...É o Betinho?

É, fala logo que estou no banho.

Eu sei – aliás, porque você toma banho de máscara e capa?

Porque ... ei! Estava me espiando. Canalha?!

Pode-se perceber que as primeiras falas dessa interação verbal não têm a intenção de dar nenhuma informação nova, mas somente “testar o canal da comunicação”. Ao dizer “Alô”!, Betinho pretende apenas informar que está pronto para ouvir e falar. Seu interlocutor, ao perguntar “è o Betinho”?, deseja apenas saber se está falando com a pessoa certa. A partir daí estão criadas as condições básicas para a interação verbal com sucesso,

No texto de Drumond, o que acontece é verificar se o canal funciona ou atrair a atenção do interlocutor. São as duas principais finalidades dessa função que pende, naturalmente, para o contato entre pessoas.

FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA

As Palavras

São como um cristal
as palavras.
Algumas, um punhal,
um incêndio.
Outras,
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos,
as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.
Tecidas são de luz
e são a noite.
E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe assim
desfeitas
nas suas conchas puras?

Eugênio de Andrade.

Podemos encontrar, num verbete de um dicionário de língua português o seguinte item:

Quadrinhos: s.m.pl. Narração de uma história por meio de desenhos e legendas dispostos numa série de quadros; história em quadrinhos.

Observem que, tanto primeiro texto quanto o segundo, portanto, ambos têm a intenção fundamental de esclarecer (mesmo que em forma de poema) ao leitor de língua portuguesa o sentido ou um sentido possível de “palavra” e de “quadrinhos”. Esse esclarecimento é dado usando palavras para esclarecer palavras. Estamos, pois, diante da função metalingüística: a língua falando dela mesma,

FUNÇÃO POÉTICA

O delegado proibiu ‘bombas’, ‘foguetes’, ‘busca-pés’
Chamalotes checoslavos
 enchem o chão
 de chamas rubras.
Chagas de enxofre chinesas
 chiam,
 choram,
 cheiram,
numa chuva de chispas,
chispas de todos os tons,
listas de todas as cores
 e no fim
 sempre um
 Tchi – bum!

Jorge de Lima

“Nós não somos do século de inventar as palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas”.

Almada Negreiros

A função poética pende para a mensagem. É o conjunto de mensagens que põe em evidência o caráter palpável dos signos lingüísticos que as compõem que realizam esta função. Não se deve identificar exclusivamente com a poesia. Refere-se a toda a arte literária.

Veja, no segundo exemplo – Jorge de Lima – o poeta, mais que informar o receptor sobre os fogos de artifícios, procura chamar a atenção para o modo como foi organizada a mensagem, o texto. Selecionar palavras, fazer trocadilhos, explorar sons e imagens, sugerir situações, joga com as palavras. Tudo isso são recursos presentes nos dois textos de predominância da função poética.

A Estilística que se debruça sobre os textos literários, considera, com mais rigor, as funções emotiva ou expressiva e a função poética, sem negligenciar as demais

CONCLUSÃO

Nesta aula, vimos que o ato de comunicar pressupõe uma determinada intenção por parte do emissor: o falante ou quem escreve – comunica quer para transmitir informações ou ordens, quer para exprimir sentimentos, e a cada um destes propósitos a linguagem se adapta, conferindo um valor específico ao ato de comunicação. Podemos, pois, concluir que a linguagem realiza diversas funções.

A comunicação social supõe a existência de algo a comunicar, mas o conhecimento não poderá preceder aquilo através de que se realiza. Pode conceber-se o conhecimento sem comunicação, mas não se pode conceber comunicação sem conhecimento. O relevo que hoje se dá à função da linguagem, inclusive em análises textuais de cunho estilístico, é uma das conquistas da lingüística moderna.

RESUMO

É indispensável, na atualidade, o estudo das funções da língua tal como foram pensadas pelo lingüista Roman Jakobson.

Segundo esse lingüista, da um dos seis fatores da comunicação: contexto, emissor, receptor, mensagem canal e código – determina uma diferente função da linguagem: o emissor encontra-se diretamente implicado na mensagem através da função emotiva; a orientação para o receptor realiza-se na função conativa ou apelativa; a função referencial centra-se no referente ou contexto; as formas de contato que se estabelecem através do canal indicam a função fática; a função metalingüística põe em relevo o código, a língua; centrada na mensagem, situa-se a função poética.

ATIVIDADES

Faça uma leitura atenta do capítulo da obra de Roman Jakobson: “Lingüística e Comunicação”, indicada na bibliografia. Após essa atividade, pesquise dois exemplos (um em verso e um em prosa) para cada uma das funções aqui apresentadas. Mostre essa atividade ao seu tutor e peça a ele (ou ela) uma avaliação.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não esqueça que você mesmo pode criar seus exemplos. Todos nós temos as condições cabais de produzir toda e qualquer função da linguagem, independente de dotes especiais. Pense e Produza.





PRÓXIMA AULA

Conceitos de base em Estilística



AUTO-AVALIAÇÃO

Após a leitura e apreensão desta aula, preciso tentar construir um exercício sobre as funções da linguagem e submetê-lo à apreciação de meu tutor. Com isso, devo mostrar para mim mesmo o que aprendi desse assunto.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA. Victor Manuel de. A Estilística, in: **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina. 1969.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1987.
- _____. **A metalinguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.
- D'ONOFRIO. Salvadore. **Teoria do texto: teoria da lírica e do drama – vol.2**. São Paulo: Ed. Ática. 2001.
- GUIRAUD. Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Ed. Mestre Jou. 1970.
- JAKOBSON. Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1970.
- LAPA. M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. Lisboa: Ed. Seara Nova. s/d.
- LEVIN. Samuel. **Estruturas lingüísticas da poesia**. São Paulo: Cultrix. 1975.
- LIMA. Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio. Ed. Francisco Alves. 1983.
- MARTINS. Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp. 1989.
- MATTOSO CÂMARA Jr. Joaquim. **Contribuição à Estilística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1977.
- MONTEIRO. José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ed. Ática. 1991.
- MOUNIN. Georges. **Introdução à Lingüística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 1970.
- PROENÇA FILHO; Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.